

NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA ROSA: UM OLHAR SOBRE OS GÊNEROS

Rosângela Aparecida Cardoso da Cruz

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma breve análise sobre filme *Ma Vie En Rose* (Minha Vida em Cor de Rosa), a partir de uma abordagem da Análise do Discurso, sobretudo, com um olhar voltado aos Gêneros e à forma como as identidades são construídas, especialmente, no espaço escolar. Esse encontro com os Gêneros irá permear esta proposta além de constituir-se como objeto de pesquisa na minha Dissertação, especialmente com o olhar voltado às mulheres. Ao se falar em Estudos Feministas, pressupõe-se um campo amplo que abarca, entre outros, a homossexualidade, a qual será retratada por meio do filme.

Essa busca por construir a própria identidade, na maioria das vezes, o sujeito é condicionado a viver sob normas, regras, dogmas e paradigmas pré-estabelecidos socialmente. Em sintonia com isso, há que se ressaltar o fato de que se trata de uma sociedade instituída sob a égide do androcentrismo e, por conta disso, pressupõem-se identidades pré-concebidas, definidas basicamente por meio do sexo: ou se é (homem) masculino ou (mulher) feminino. Pode-se dizer que o seio familiar é o precursor da disseminação do androcentrismo, sendo fielmente sucedido pelas instituições escolares.

Abordar os gêneros a partir da perspectiva dos Estudos Feministas, lançando mão da Análise do Discurso, sobretudo, no que se refere à homossexualidade, especialmente, com o olhar focado sobre a atuação da instituição escolar, além de alargar os horizontes em relação a esta temática que, apesar de contar com muitos estudos, pesquisas e avanços, ainda causa desconforto àqueles que insistem em enxergá-la como um tabu, oferece a possibilidade de se pensar essa “construção” de identidades a partir da subjetividade do sujeito. Ressalta Moreno (1999), nesse sentido, que as palavras que ensinam às crianças quem é a “mamãe” e o “papai”, também as ensinarão a diferenciar “meninos” e “meninas” negando-lhes o direito de, *a priori*, conhecer a palavra “pessoa” e que esta *pode aplicar-se igualmente a todas elas*.

Ao pressupor uma análise discursiva acerca do filme, direcionar-se-á um olhar para os gêneros a partir da dicotomia feminino/masculino na constituição da identidade do menino Ludo (um garotinho que pensa ser uma menina e age como tal), mormente,

dentro dos âmbitos escolares. Para tanto, seguem considerações acerca do filme, as quais serão apreciadas na perspectiva da análise discursiva. O filme com roteiro original escrito em francês por Alain Berliner & Chris Vander Stappen, foi produzido em 1997, na França e dirigido por Alan Berliner. A trama se desenrola a partir da problemática da identidade de gênero que envolve o menino Ludovic Fabre, o garoto vive o drama de sentir-se uma menina e agir como tal, a isso julga ser normal e não entende o porquê de as pessoas o reprimirem por isso.

Bakhtin (2006) ressalta que todos os signos possuem valores ideológicos e que sem eles não existe ideologia. Diante disso, pode-se pensar a palavra para Ludovic como representação máxima da sua ideologia de vida, haja vista o garoto afirmar, categoricamente, que um dia será uma menina. O autor nomeia a palavra como um signo ideológico por excelência e, em sintonia com isso, está o fato de que as identidades estão sempre em processo de construção, não são estanques. Orlandi (2001) menciona que os signos não são neutros e que têm muita coisa a dizer, de modo que o sujeito falante ou leitor deve posicionar-se em estado de reflexão frente às diferentes manifestações da linguagem.

Em consonância com isso, Scott (1995, p.15) reforça a ideia de que a linguagem ocupa uma posição central, tanto na comunicação e expressão quanto na interpretação dos gêneros. O comportamento das pessoas sugere a própria visão de mundo, limitada, estereotipada e permeada por dogmas e paradigmas. Segundo a autora, ainda que fiquem misturadas na sala de aula, na hora do recreio, as crianças sabem exatamente quais foram os modelos de conduta ensinados e isso é percebido por meio das chamadas “brincadeiras livres”, nas quais meninos e meninas preferem se divertir com outras (os) do mesmo sexo. Segundo Louro (1997), as aulas de educação física representam um bom exemplo disso, onde meninos e meninas são separados e classificados conforme o sexo, sob a alegação de que os meninos são mais fortes e as meninas mais frágeis. O critério de seleção é puramente sexista.

Os pilares centrais para que haja essa conscientização são representados pela família e pela escola. Torna-se mister evidenciar que o filme diz muito mais do que se vê nas imagens, visto que, pressupõe considerações significantes acerca dos gêneros. Não se trata, apenas, de analisar as imagens, mas de inferir reflexões que podem e

devem ser pensadas no âmbito da vida real, mormente ao que diz respeito à construção das identidades de gêneros, tanto no meio social quanto no meio escolar

Em síntese, a proposta deste artigo apresentou considerações acerca de uma narrativa filmica que se configurou numa reflexão para se pensar as relações de gêneros construídas pela e na sociedade. Ademais, lançar um olhar crítico em relação ao posicionamento das escolas frente às identidades de gêneros, sobretudo, em relação às crianças, deixando claro que, apesar de ser no âmbito escolar o local onde as crianças deveriam aprender a conviver com as “diferenças”, é neste onde aprendem a repudiar e discriminar o outro, reproduzindo o sexismo vigente, tanto dentro das intuições quanto da sociedade de modo geral. É lícito dizer que esta narrativa filmica configurou-se como uma representação de referenciais “reais”, de arte, de signos, de imaginários, os quais ofereceram a possibilidade de um entendimento sobre sexualidade e gênero, podendo ser pensada e interpretada para além dos estritos limites das imagens audiovisuais.

REFERÊNCIAS

BAKTHIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P.289 – 326.

BAKTHIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª edição, 2006. Hucitec .

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. Campinas, SP: Moderna, 1999.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp.71 – 99.